

Apresentação

*Língua de criança é a imagem da língua primitiva
Na criança fala o índio, a árvore, o vento
Na criança fala o passarinho
O riacho por cima das pedras soletra os meninos.
Na criança os musgos desfalam, desfazem-se.
Os nomes são desnomes.
Os sapos andam nas ruas de chapéu.
Os homens se vestem de folhas no mato.
A língua das crianças conta a infância
em tatibitati e gestos.*

(Manoel de Barros)

Não foi à toa que escolhi iniciar minha apresentação com um poema tão delicado e expressivo sobre as crianças. Como diz o poeta, a vida, o mundo, tudo ganha novos encantos quando contado pelas crianças.

E a razão desta pesquisa é justamente essa: quero entender o que as crianças, em situações de interações discursivas sob mediação de adultos, contam, ao desenharem os seres vivos que estudam. Desse modo, pretendo compreender como ocorre o processo de atribuição de significados.

Talvez o leitor esteja se perguntando: se as crianças se expressam de tantas maneiras, se elas utilizam tantas linguagens para interagir com o mundo, por que limitar o estudo aos desenhos?

Tenho ouvido essa pergunta algumas vezes e, depois de refletir bastante sobre o assunto, mantive a decisão de ater-me somente à investigação dos desenhos, em razão da grande complexidade que representa um estudo dessa natureza. Estudar as produções gráficas infantis implica também o estudo da linguagem verbal e, no contexto específico de minha pesquisa, significa compreender aspectos da interação entre as crianças e os conhecimentos sobre os seres vivos.

Em minha vivência profissional, constatei que a maioria das crianças pequenas gosta muito de desenhar e se utiliza dessa linguagem, desde cedo, para se expressar. Os desenhos são, para elas, um jogo simbólico, uma brincadeira de faz-de-conta, ou seja, são atividades lúdicas.

Assim, decidi assumir o risco de perder em abrangência – já que abro mão de abordar as diversas linguagens das crianças –, para tentar garantir o maior aprofundamento possível no estudo dos desenhos e das falas que permeiam essas produções.

Meu encantamento pelas crianças pequenas começou há alguns anos, quando tive a oportunidade de trabalhar em uma escola de Educação Infantil, na função de professora de laboratório. Lembro-me com clareza do que senti nas primeiras vezes em que recebi meus pequenos visitantes, para conhecerem o laboratório da escola. Fiquei muito assustada, com medo do que iriam perguntar, de que não entendessem minhas palavras, de que quebrassem alguma coisa. Mas fiquei também profundamente feliz ao testemunhar a grande curiosidade e empolgação que demonstravam ao ver o microscópio, o cérebro dentro do frasco, o peixe sendo dissecado, os “micróbios bonzinhos” que fazem crescer o pão, aquelas bolinhas verdes de nome esquisito – “clo-ro-plas-tos” –, as cobras de vários tipos e tamanhos, os invertebrados do terrário etc.

Naquela época, eu já intuía que as crianças gostavam de saber sobre os animais, pois eu, quando pequena, adorava descobrir novidades sobre eles e tinha lembranças muito gostosas do prazer que sentia quando minha tia, então estudante de Biologia, me explicava algum detalhe ou contava curiosidades sobre os bichos. Aqueles eram para mim instantes mágicos. Entretanto, nunca havia refletido muito sobre o interesse das crianças pelos seres vivos, até vivenciar os encontros no laboratório.

Daqueles encontros nasceu um desejo de compreender melhor o pensamento infantil, principalmente no que se refere à aprendizagem de temas

relacionados aos seres vivos. Eu sentia essa necessidade, pois queria preparar atividades interessantes no laboratório e, para isso, precisava das informações sobre como as crianças aprendem e quais são os seus principais interesses.

Foi por esse motivo que fui à Faculdade de Educação, meses depois, para perguntar a alguém qual era “O” livro sobre como ensinar assuntos da Biologia a crianças pequenas. Fiquei espantada ao constatar a surpresa com que me recebiam e a ausência de respostas satisfatórias.

Concluí então que, se quisesse obter algumas respostas, deveria procurá-las nas crianças e não nos livros. Foi assim que decidi fazer a pesquisa de mestrado em que investiguei as características lúdicas presentes nas rodas de Ciências. Naquela investigação foram analisadas – quanto a seus aspectos de ludicidade – as falas de crianças de quatro anos, quando conversavam sobre o ciclo de vida de borboletas e mariposas.

Verifiquei que as crianças sentiam prazer em discutir o tema. O grupo mostrou-se muito envolvido com o assunto, e o desafio, próprio das atividades lúdicas, estava evidenciado pelo empenho das crianças em pensar e falar sobre Ciências.

Naquele período foram desenvolvidas muitas atividades para o estudo das borboletas, e comecei a observar que os desenhos que as crianças produziam pareciam representar características dos animais que eram discutidos nas rodas, tais como os aspectos do corpo das taturanas e borboletas ou as etapas do ciclo de vida.

Embora houvesse muitos elementos facilmente identificáveis naqueles desenhos, outros eu não conseguia compreender. Durante a investigação de mestrado, a questão dos desenhos tornou-se tão instigante para mim que decidi realizar esta pesquisa de doutorado.

A análise das rodas forneceu algumas indicações sobre a relação entre as crianças e os conhecimentos da área de Ciências Naturais. Entretanto, há ainda uma grande lacuna a ser preenchida.

Acredito que investigar desenhos produzidos em contextos de interação lúdica entre conhecimentos sobre os seres vivos e as crianças, “ouvir o que dizem seus desenhos”, nos permitirá compreender ainda melhor o universo infantil.

Para a realização desta pesquisa, os dados foram reunidos no ano de 2003, na Creche Oeste, localizada no campus da USP em São Paulo. Acompanhei durante seis meses uma turma de crianças de quatro anos, enquanto estudavam borboletas.

Apresento, a seguir, a forma como este texto foi organizado.

No capítulo “O desenho infantil”, exponho o problema de investigação e apresento uma revisão bibliográfica que enfatiza a abordagem do desenho como linguagem.

No capítulo “Palavras e imagens: o acesso ao mundo”, trato especificamente do papel da linguagem verbal no processo de atribuição de significados, a partir do referencial de Vygotsky.

Em seguida, no capítulo “Imagens na Biologia”, abordo a importância do uso de imagens para a construção do conhecimento biológico e para o ensino de Biologia.

O capítulo “Breve passeio por outras pesquisas” tem como finalidade mostrar um pequeno levantamento das investigações sobre a Educação Infantil e o Ensino de Ciências.

Apresento meus encaminhamentos metodológicos e o contexto em que a investigação foi realizada no capítulo “Caminhos desta pesquisa”.

Os dados e sua análise são apresentados no capítulo “O que disseram os desenhos”.

Finalmente, no capítulo “Considerações finais”, faço alguns comentários sobre o que foi verificado com base em minhas análises e reflexões sobre o Ensino de Ciências na Educação Infantil.